

O FISCAL E A LAGARTA

Estava um dia uma lagarta
Debaixo de um pé de fumo
Quando levantou a vista
Viu um fiscal do consummo,
Disse a lagarta comsigo:
Eu hoje me desarrumo.

O fiscal perguntou logo
Insecto, o que estás roendo?
A lagarta perguntou-lhe
Fiscal, que andas fazendo?
—Aperriando o commercio
Tomando tudo e comendo.

Disse o fiscal: para imposto,
O governo me nomeia,
A lagarta respondeu-lhe
Você precisa é cadeia,
Para perder o costume
De andar roubando de meia

Disse o fiscal: o governo
Não poderá se manter,
Sem procurar o imposto
De quem comprar e vender,
Artista e agricultor
Pagam por justo dever.

Disse a lagarta: o governo
Não podia trabalhar?
Deixar de ser sanguessuga,
O sangue humano chupar.
Elle plante canna e fumo
Se quer beber e fumar!

Bota um pobre uma bodéga
Alem de vender fiado,
Quando vê bater-lhe á porta
Um dragão engravatado,
Com o bucho muito grande
E o bigode raspado.

Emboca de casa a dentro
Vai logo cascaviar,
Não pede ao dono da casa
A licença para entrar,
E' igualmente ao cachorro
Entra sem ninguem mandar.

O fiscal disse: e você
Acha que faz pouco damno?
Disse a lagarta: en conhesso.
Que sou inseto tyranno
Porém, só venho uma vez
Você vem muitas no anno.

E ha de tratá-lo bem
Com bôa dormida e ceia
Se não lhe mostrar carinho
E fizer-lhe cara feia,
O cobre vai para o cofre
E o dono para a cadeia.

O GOVERNO E A LAGARTA CONTRA O FUMO

Faz pena o clamôr do povo
Nesses incostos de matta,
Luctando com duas pestes
Que não ha quem as rebata;
A primeira é o Governo,
A segundo é a lagarta.

A lagarta porque põe
A lavoura toda em pó
Essa corre do feijão
Desde a raiz ao sipó
Antes lagarta dez vezes
Do que fiscal uma só.

Outrora o póvo rezava
Fazia o pelo signal
Dizendo livre-nos Deus
Do inimigo e do mal
Hoje diz quando se benze
Livre-nos Deus de um fiscal.

Faltou um palmo de gato
Para um fiscal ser dragão
Ha ia trez candidatos
Fiscal juiz e escrivão
Nem um destes pôde ser
Empatou a eleição.

O diaba vendo aquillo
Para evitar de questão
Mandou do Gremio infernal
Seis membro em commissão
Dar a cadeira ao juiz
O cartorio ao escrivão.

Dessa vez a commissão
Deu o talão ao fiscal
Dando-lhe pleno poder
De procurador geral
E cobrar aqui na terra
O imposto federal.

Quando o fiscal tomou posse
Daquella nomeação
Olhou em torno do mundo
Apossou-se de um talão
E disse a humanidade
Cae toda na minha mão.

Hei de fazer com o pôvo
O que se faz com camello
Então a agricultura
Dessa não fica nem pêlo
E o commercio se aprompte
Que eu vou matal-o no sello.

A industria essa já sabe
Vai pagar o desafouro:
O ferreiro sella o ferro
O ourive sella o ouro
O mascate sella o metro
E o sapateiro o couro.

O alfaiate a agulha
E o marceneiro o torno
Todo mestre de maceira
Sella o pão ainda morno
O dono da padaria
Bota estampilha no forno.

Para rezar terço agora
Sellam quem tira a novena
O escrivão de casamento
Precisa sellar a pena
O juiz sella o noivo
O noivo sella a pequena.

Hontem a tarde eu vi um grupo
Um e outro se queixando
Um velho arraucando as barbas
Outro os cabellos puchando
Aonde tinha um fumeiro
Esse falava escumando.

Então dizia: esse imposto,
E' um mal que se não pára
Alem de já ter pagado
Uma collecta tão cara
O diabo de um fiscal
Chegou afiriu-me a vara.

Disse o homem da bodéga
Veja o que fez o damnado
Entrou na minha bodéga
Foi ao livro de apurado
Como se elle fosse patrão
E eu fosse seu empregado.

Esse anno de desesete
Anno do pirarucú
Elle damnou-se no mundo
Sellou até cururú
Fez do commercio carniça
E elle um grande urubú.

Aonde dorme um fiscal
De manhã chega a entriga
Ao meio dia sarampo
Mais tarde bate bexiga
As cinco horas da tarde
Chega lagarta e formiga.

Não val a pena hoje em dia
Brasileiro trabalhar
Matando os filhos com fome
Para o governo engordar
E desgraçado daquelle
Que soffrer e se queixar.

Muitos devido a isso
Deixaram de plantar fumo
Outros ficaram no pó
Que nunca mais tomam prumo
Porque o que trrbalhou
Deu ao fiscal do consumo.

Deus não olha para terra
Aonde um fiscal nasceu
Porque foi uma das pragas
Que no mundo appareceu
Cobrando da humanidade
Aquillo que não vendeu.

Antes um mez de verão
E rosca em raiz de fumo
Uma casa de tijollo
Com um grande desaprumo
Do que em qualquer negocio
Andar fiscal de consumo.

Dando o mosquito no fumo
Cahindo a flor do feijão
Dando formiga no milho
Lagarta no algodão
Não apparecendo imposto
E' pouca a destruição.

Aonde passa um fiscal
Até a terra esmorese
Em casa commercial
Até o ferro apodresse
O mal se arroja nas portas
Todo bem desaparese.

Estava o diabo e a sogra
Em uma tremenda briga
O diabo disse á sogra
Tu és peor que formiga
Disse-lhe a sogra damnado!
Um coletor te persiga...

O diabo amedrontado
Ficou com cara de chouro
Respondeu-lhe miseravel,
Longe de mim teu agôro
Damna-te com tua praga
Para a casa do besouro...

Trez sogras abram-te o corpo
A nova seita te abraçe
Um mão visinbo te acompanhe
Per todo lugar que passe
Revisor da *Gretueste*
Se entrigue com tua classe.

Note o leitor, o diabo,
Viu nesta praga um horror;
Acha que perseguição
De um fiscal ou collector
Excéde a todo castigo
Seja lá elle qual for.

Disse um caçador de paca
Dessa vez eu creio que morro
Só mesmo se a providencia
Do céo mandar-me socorro
Um collector vê que eu caço
Quer me sellar o cachorro.

O velho em grande furor
Exclamava que desgraça!
Meu cachorro está tão velho
Que nem olha para caça
Vive com a bocca aberta
Nem ver o bicho que passa.

Chorava um Portuguez velho
Que a tempos aqui vivia
Mas por arte do diabo
Foi lá um fiscal um dia
Viu elle fazendo pão
Collectou-lhe a padaria.

Um italiano velho
Que ja muito mal se arrasta
Vende uma caixa de troços
Que não ganha o quanto gasta
Um collector chegou lá
Examinou-lhe a *canasta*.

Achou um frasco de tonico
Estava até desarrolhado
Exclamou o collector:
Gringo você está multado,
Porque não pode vender
Extracto sem ser sellado.

Perdone senhó, perdone
Dizia o italiano
E'u estó aqui aléxato
Não *canhei nata* este anno
Respondeu-lhe o collector
Pode chorar carcamano.

E o gringo abrindo a caixa
Disse tem é bicho assim
Exclamou o collector
Você não mostrou a mim
E sem tirar a licença
Não pode vender cupim.

A dôr de barriga de um noivo

Ha pessôas nesta terra -
Que me chamam fallador,
Mas tal defeito não tenho,
Poderá crer o leitor.
Apenas tenho um defeito
Sou muito reparador

Que o caso se deu
Em certo lugar,
Eu irei contar
O que aconteceu -
Não é falso meu,
Que não uso disto
Eu só conto isto
Porque se passou,
Disse quem contou
Foi por todos visto.

Ha diabo neste mundo,
Que eu não sei para que casa,
Para fazer a derrota
Da infeliz que se arrasa:
E' como dois jogadores
Um augmenta, outro o atraza,

Como Zé Lumbriga
Quando se casou,
Que se desgraçou,
Com dôr de barriga
E elle que diga
Se assim não se deu.

De nada valeu
Medico e boticario,
Não sei o vigario
Como não morreu.

Esse tal Zé Lumbriga
E' filho de Pança Inchada,
Então pediu uma filha
De Josepha Panellada,
O leitor preste attenção
Ao que se deu na estrada.

O sol alteava,
Num dia de Abril
O céu cor de anil
Nesse dia estava,
A brisa cortava
A face dos prados,
Montes escarpados,
Como quem sorria,
O vento dizia:
Lá vão uns noivados.

Eram bellos nesse dia
Os enfeites naturaes;
Sublimes carramanchões
Feitos pelos matagaes,
Ensaivavam as cantilenas
Os saudosos sabiás.

O povo seguia.
Naquelle delirio
Roçando no lyrio
Que no campo havia

O padrinho sentia
O noivo cançado,
Andando envergado
Coçando a barriga;
Era Zé Lumbriga
Que ia derrotado.

Na vespera do casamento,
O noivo tinha comido,
Um quarto de bode assad
E um veado cosido;
Um resto de cabidella
Que um irmão tinha trazido.

Mais tarde comeu
Um litro de pipocas
E dez tapiocas
Que a noiva lhe deu,
A agua que bebeu.
Ninguem calculou,
Um póte seccou
E uma bacia,
A agua que havia,
Alli, se acabou.

Pela manhã levantou-se;
Perguntou: tem gerimun?
Disse-lhe a noiva: tinham dois,
Mas agora só tem um.
Disse o noivo cosinhe elle,
Para quebrar o jejum.

E tinha sobrado
Uma feijoada:

Fava conzinhada
Que tinha ficado
Com breço guisado;
E muito toucinho
E mais o fucinho
D'um porco bahé;
Exclamava Zé
Como está bomzinho!

E foram para a igreja
Já o noivo encomodado,
As tripas roncando muito
O ventre bastante inchado,
Tanto que a noiva lhe disse:
Zé, seu bucho está damnado!

Não se confessou
No confissionario,
Porque o vigario
Tão o aguentou
O bato arrotou
Dentro da matriz.
Em todo paiz
Causou susação
Até Santo Antão
Tapou o ariz.

Alguem julgou que é falsa;
Quem viu foi homem de fé,
Pois foi em Victoria
Na estrada nova,
Elle viu a cova,
Que a roupa enterraram,
Na cova botaram

O véo e a capella
Toda roupa della
Lá depositaram.

Não demoraram na rua
Devido a esse accidente,
O pae da noiva ia triste,
O noivo muito doente
Até o proprio cavallo
Bufava damnadamente.

O noivo dizia:
Que feijão damnado
Vou tão derrotado
Que não boto o dia,
Já tenho agonia
Sinto a voz cançada!
—Comida malvada!
A noiva dizia:
Você bem sabia
Eu vou ensopada.

Uma testemunha disse:
Se chegar em casa vivo
Tome immediatamente
Um purgante muito activo
Azeite de carrapato
Pois é o mais purgativo.

O sogro comprou
Um litro de azeite,
E disse: se azeite
Que aqui mesmo eu dou,
A um rapaz gritou:

Pegue Zé lumbriga
Cortoram uma ortiga
Com espinhos e tudo,
Fizeram um canudo
E... lá vai bexiga.

O azeite quando entrou
Achou a barriga inchada,
Deu umas cinco ou seis voltas
E se ouviu a trovada
Não houve uma testemunha
Que não ficasse ensopada.

Alli tinha um moço,
Trouxe um cascabulho
Fez delle um embrulho
Levou-o a um Pôço,
Naquelle alvoroço
Sabe o que se deu?
O rapaz morreu
Por esfregar elle!
O cavallo delle
O dono o perdeu...

Tambem Zé Lumbriga disse
Que nunca mais comeria
Feijão com carne de porco
Guardado do outro dia,
Ainda visando a morte
Tal diabo não comia.

Se ainda comer
É de desgraçado;
Bem viu o veado

O que quiz fazer,
Faz pena dizer
O que se passou;
A noiva ficou
Prostrada de vez
Muito mais de um mez
Não se levantou.

Depois que chegaram em casa
A mãe da noiva estranhou
Perguntou que tem Maria
Que está como quem chorou?
O que fez ella do véo?
A capella onde ficou?

Ora onde ficou !?
Disse-lhe o marido,
Todo o acontecido
O velho contou:
Zê se desgraçou,
Foi horrivelmente,
Deixou indecente
O confissionario,
Até o vigario
Ficou lá doente!...

Que diabo tinha elle?
Perguntou a mãe da moça
Que tinha? disse-lhe o velho:
Aquella farofa insouça
Até no pé do altar
Ficou uma enorme pouça.

Elle deu um vento
No confissionario

Que quasi o vigario
Deixa o casamento,
E o pagamento
Que elle quiz fazer;
Pode tudo crer,
Estirou a mão
Mas o sachristão
Temu receber!...

BREVIMENTE

João Lezo e o Pirarucú

Obras do Autor

ROMANCES COMPLETOS EM VER-
SOS A 1\$000 RS.

A Força do Amor—H. de Marina
e Alonso.

A Morte de Alenso e a Vingança de
Marina.

A Filha do Pescador.

O Mal em Paga do Bem—H. de
Lino e Rosa.

Historia do Cancão de Fogo.

A Mulher Roubada.

O Principe e a Fada.

Historia da Donzella Theodóra.

O Boi Misteriozo.

O Cachorro dos Mortos.

Os Sofrimentos de Alzira.

Alem destes Romances, Lean-
dro Gomes de Barros tem mais
de 500 qualidades de Folhetos de
versos a 200 rs. que vende em
grosso com grande abatimento, na
caza de sua residencia á Rua do
Motocolombó n. 28 em Afogados
arrabalde do Recife.